

O BRACELETE DE ESTREMOZ

POR F. RUSSELL CORTEZ,
BOLSEIRO DO INSTITUTO DE ALTA CULTURA

Aos 6 dias de Abril de 1936 foi incorporado no património do Museu Arqueológico Nacional, de Madrid, uma preciosa jóia áurea encontrada em 1871 ou anteriormente, nas vizinhanças de Estremoz-Alentejo.

Foi adquirido a Apolinar Sánchez Villalba e anteriormente pertencera à família Baüer (1).

As condições do achado são relatadas por um ourives do Porto:

I) « A. Moreira & Coutinho. Ourivesaria. Rua das Flores, 163, Porto. — Nós abaixo assignados, Augusto Moreira & Coutinho, ourives de S. M. F. o Rei de Portugal certificamos em como o bracelete de ouro que n'esta data entregamos ao Sr. Luiz Maria da Costa, da Cidade de Lisboa, para o mesmo Sr. vender onde melhor lhe convenha, foi por nós comprado ao Sr. José Joaquim da Silva Azevedo, ourives da Villa de Estremoz, província do Alentejo, d'este Reino de Portugal, o houve igualmente por compra a um lavrador das visinhanças da mesma Villa de Estremoz, que o achou junto com uma couraça d'ouro antiga que o mesmo ourives, por ignorância derreteu. O bracelete é de ouro de 875 miléssimas e pesa 978 gramas e 5 decigramas, segundo dá o certificado do respectivo contraste, inclusa ao dito e vai selado com o selo particular do nosso sócio gerente, A. Coutinho. — Porto, 16 de Fevereiro de 1872 — a) *Augusto Moreira & Coutinho*. — Reconheço a assignatura rectro. — Porto, 16 de Fevereiro de 1872. Em lto de verdade.

a) *Manuel Ribeiro da Silva*.

II) Contraste e ensaiado no Porto e seu distrito. — Contraste da Caixa do Banco de Portugal. — Vicente Manoel de Moura. — Examinador da Casa da Moeda, 245, Rua das Flores, 247. — Certifico em como ensaiei e pezei o seguinte objecto, que me foi apresen-

(1) FRANCISCO ALVAREZ-OSSÓRIO. *Noticia acerca de una joya posthallstattica portuguesa, que se conserva en el Museo Arqueológico Nacional (Madrid)*. *Corona de Estudios de la Sociedad de Antropologia*, I, Madrid 1941, pág. 35 ss.

tado por os Srs. Augusto Moreira & Coutinho, desta Cidade. — Um bracelete de ouro, fraccionado em cinco partes, por um arrendado cubico, tocando Oitocentas e setenta e cinco millessimas, com o pezo de Novecentas e setenta e oito gramas e cinco decigramas = 978 g e 5 dg. — Porto, 16 de Fevereiro de 1872.

a) *Vicente Manoel de Moura*.

Este precioso bracelete áureo não desmerece as outras jóias que comprovam o gosto artístico do toreuta lusitano posthallstático, sendo uma das maravilhas da proto-ourivesaria Portuguesa.

O bracelete foi feito com ouro de 875 milésimos, pesando actualmente 978 gramas e 5 decigramas, tendo a forma aproximada de um cilindro com M 0,09 de diâmetro por M 0,05 de altura.

Preocupa seriamente como pode ser executado este bracelete, se pensarmos nos escassos meios de que disporia o artífice seu fabricante. Ainda hoje com os elementos ao nosso dispor a execução desta jóia, de inestimável valor, oferece sérias dificuldades técnicas.

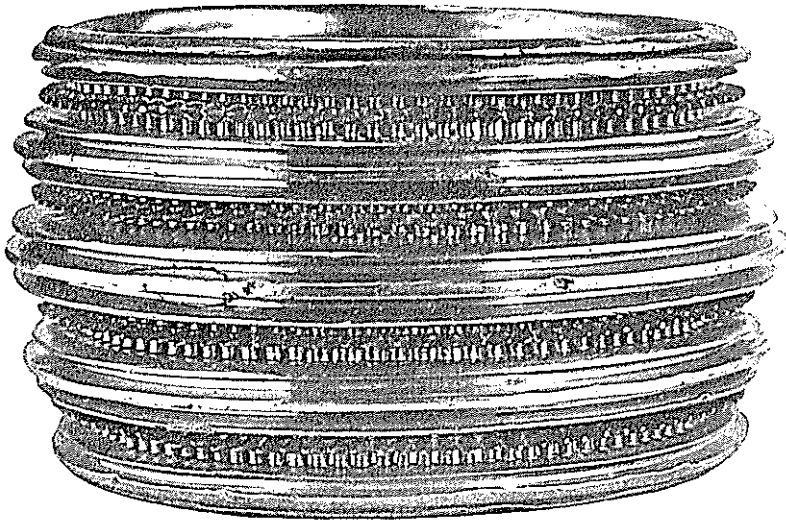
É uma peça fechada formada por cinco aros emoldurados profundamente; entre as sancas de cada aro foi lavrado um friso denteado e furado, saindo do seu meio uma série de pontas aguçadas, constituindo quatro bandas de puados. (Ver Fig. 00).

Podemos supor a moldagem em separado dos nove arcos que a constituem: cinco filetados ou com nervuras longitudinais e mais quatro intermédios fresados e puados. Posteriormente seriam soldados por percussão, unidos por martelamento, uma vez estar lisa a superfície interna e só em peças separadas poderiam ser executadas as fiadas de orifícios que vemos a guarnecer as pontas aguçadas. No seu aspecto final parece uma peça inteira. Nada de particular tem esta técnica de soldadura por percussão ou martelamento que, presuomos, foi largamente utilizada na nossa ourivesaria antiga.

Pelo seu contorno exterior podemos incluir este bracelete de Estremoz nos de forma anular, secção côncavo-convexa. São sempre superfícies de geração circular e secção de faces paralelas, quando em folha ou chapa metálica, lenticulares ou de secções segmentárias do círculo quando maçissas ou fundidas. E esta é a constituição elementar geométrica destes pequenos sólidos de revolução em argolas, ou aneis comuns, de vário uso (1).

(1) RICARDO SEVERO, *O Thesouro de Lebução* — Portugália, II, pág. 3. Porto, 1905.

O BRACELETE DE ESTREMOZ



Bracelete de ouro encontrado em Estremoz em 1871
ou anteriormente, e que hoje pertence ao
Museo Arqueologico Nacional, de Madrid.

No caso presente a forma é de muita originalidade, lembrando, como na armilha de Lebução, a sobreposição de aros, alternadamente côncavos e convexos, utilizou-se a combinação simétrica de anéis, de diâmetro variável, ou a figura que representaria uma corda enroscada em torno do antebraço.

Tal perfil ondulado não é raro no mobiliário a partir da Idade do Bronze II, em objectos domésticos ou de adorno e vêmo-lo aparecer em múltiplos exemplares da nossa toreutica áurea. A galba do bracelete de Estremoz tem sido aproximada da dos de Arnozela (1) parecendo-me igualmente uma réplica mais suntuosa aos dois braceletes abertos encontrados perto de Évora e depois vendidos a um ourives que os derreteu. Podemos estimar a comparação mercê do desenho que deles nos ficou (2). Aproxima-se o seu formato do bracelete encontrado nas faldas da Serra da Gralheira, em Carvalhais, S. Pedro do Sul.

Pela sua decoração e pérfil podemos ainda aproximá-lo dos braceletes de Chaves, Orense, Moimenta e Teon (3). Os quatro anéis, decorados com os pequenos cones ou puas, podem aproximar-se pelo seu espírito ornamental às duas filas paralelas, gravadas a punção, de cones minúsculos que por desbastamentos sucessivos ficaram em relevo e intercalados entre três saliências em diedro (4) e que vemos ornamentar o bracelete da Penha (Guimarães). Decoração de certo modo semelhante aparece-nos em certos bronzes Mallorquinos.

Confirma-se assim que esta jóia, hoje em Madrid, tem semelhanças com similares objectos da Galiza e do Norte de Portugal, porém nenhum destes atinge a sua riqueza e técnica difícil.

É um dos mais belos exemplares da ourivesaria post-hallstättica fabricados na região em que hoje é Portugal.

(1) ALVAREZ-OSSORIO, *op. cit.* 37.

(2) *Braceletes pre-romanos*, Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeólogos Portugueses, VII, n.º 1 pág. 6, 7, 1894. MÁRIO CARDOSO, *Jóias arcaicas encontradas em Portugal*, Corunha, 1930, pág. 28. MANUEL HELENO, *Jóias pré-romanas*, Ethnos. I, pág. 253, est. IX, Lisboa, 1935. MÁRIO CARDOSO, *Novo achado de jóias*, Revista de Guimarães, LIV, pág. 24, Guimarães, 1944.

(3) FLORENTINO LOPEZ CUEVILLAS, *Las joyas Castreñas*, figs. 35-32-34-37. Madrid, 1951.

(4) MANUEL HELENO, *op. cit.* pág. 252